



Mediação audiovisual: uma tecnologia para a educação continuada de trabalhadores do Sistema Único de Assistência Social

Audiovisual mediation: a technology for continuing education of employees of the Unified Social Assistance System

Letícia de Andrade¹

Allan Henrique Gomes²

Kátia Maheirie³

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados de um percurso de formação realizado com trabalhadoras da proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social – SUAS/Joinville – SC. O programa de formação foi desenvolvido em parceria com a secretaria municipal de assistência social e configurou-se como projeto de extensão universitária. Contou com a participação de dezoito trabalhadoras e foi realizado em sete encontros, tendo cada um deles aproximadamente três horas de duração. O objetivo da formação foi promover encontros com trabalhadoras de diferentes serviços da proteção social básica sobre suas experiências e processos de trabalho no SUAS. Os encontros tiveram como recurso metodológico as oficinas estéticas, com ênfase na mediação audiovisual e privilegiaram a audiência de obras cinematográficas produzidas em Joinville - SC. A orientação teórica e metodológica deste trabalho foi a Psicologia Sócio Histórica em diálogo com algumas leituras e conceitos da obra de Jacques Rancière. Compreende-se que os encontros possibilitaram vivências diversas com audiovisual e atividades abertas ao processo de significação e com ênfase na criação, que qualificam positivamente as tecnologias educacionais.

Palavras chave: Educação continuada. Mediação audiovisual. Psicologia Sócio Histórica. Tecnologias educacionais.

Linha temática: Tecnologia educacional.

¹ Graduanda em Psicologia e monitora do Laboratório de Psicologia Social Comunitária na Associação Catarinense de Ensino – Faculdade Guilherme Guimbala – Joinville/SC.

² Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutorando em Psicologia na UFSC. Professor integrante do Laboratório de Psicologia Social Comunitária na Associação Catarinense de Ensino – Faculdade Guilherme Guimbala – Joinville/SC.

³ Graduada em Psicologia pela UFSC. Mestre e Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e estágio pós doutoral na UNICAMP. Professora Associada da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP).



1 Introdução

Este trabalho apresenta os resultados de um percurso de formação realizado com trabalhadoras da proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social – SUAS/Joinville – SC.

A Política de Assistência Social no Brasil é relativamente recente. O estabelecimento do SUAS é datado de 2005 e, com isto, vivencia-se nesta política o desenvolvimento de metodologias de trabalho. Os cadernos de orientação dos serviços de convivência e fortalecimento de vínculos, programa previsto para a Proteção Social Básica (PSB), ainda estão em construção, exigindo dos trabalhadores planejamentos criativos e manejo com os grupos, habilidades que por vezes não foram desenvolvidas na formação (OLIVEIRA, 2014).

A Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do SUAS prevê que a capacitação dos trabalhadores da Assistência social aconteça de forma sistemática e continuada, e que estabeleça parcerias com as Instituições de Ensino, “favorecendo a articulação para a construção e consolidação da Política Nacional de Capacitação” (NOB-RH/SUAS, 2007, p. 29).

As situações atendidas pelos trabalhadores do campo socioassistencial são prioritariamente marcadas por diversas vulnerabilidades. Nestes casos, faz-se necessário trabalhar com a mediação de estratégias diversificadas e inovadoras que fomentem a produção de novos sentidos aos usuários do SUAS. E, para que isto ocorra, os trabalhadores também precisam de seus espaços de qualificação e significação, para não ocorrer neles um embrutecimento⁴, originando práticas enrijecidas, justamente pela repetição das situações de risco e pelas poucas respostas positivas nos casos atendidos.

⁴ Conceito presente na obra de Jacques Rancière, especialmente, o *Mestre Ignorante*, para tratar dos efeitos da submissão de uma inteligência/vontade à outra inteligência/vontade (2015, p. 31). Compreende-se que são os espaços de qualificação que permitem uma apropriação técnica/reflexiva do trabalho e por meio destes espaços, o trabalhador pode constituir uma relação para além dos modos operacionais dos serviços.



A partir disso, o trabalho com oficinas estéticas, mediadas pelo recurso audiovisual foi pensado como uma estratégia, pois a participação do audiovisual nos processos formativos do SUAS pode gerar a possibilidade de olhares para campos, condições e realidades.

A mediação audiovisual pode ser entendida como uma tecnologia educacional. Compreendem-se tecnologias como ferramentas, dispositivos, que possibilitam o trabalho com sujeitos e grupos, nas diversas formas de relações humanas. Essas tecnologias são sistematizadas, mas não prontas, pois se engendram na atividade combinatória (criativa). Partindo deste pressuposto, afirmamos que as oficinas estéticas podem ser combinadas às tecnologias educacionais, constituindo-se como produtos umas das outras, em um processo contínuo.

A potência do audiovisual não está somente naquilo que exhibe, mas também naquilo que ignora. E o que ignora não significa que não saiba ou que não encena, mas especialmente, que não oferece prontamente ao espectador. É princípio do mestre ignorante que “quem emancipa não tem que se preocupar com aquilo que o emancipado deve aprender. Ele aprenderá o que quiser, nada, talvez” (RANCIÈRE, 2015, p. 37). Afirmamos isto, pensando com Rancière que o espectador é um sujeito emancipado, assim como pode ser o estudante que “saberá que pode aprender porque a *mesma* inteligência está em ação em todas as produções humanas, que um homem sempre pode compreender a palavra de um outro homem” (idem).

2 Método

Este percurso de formação foi planejado para trabalhadores dos serviços de proteção social básica da Secretaria Municipal de Assistência Social de Joinville – SAS. A agenda da educação continuada foi desenvolvida em parceria com a coordenação da Gestão do Trabalho da SAS e configurou-se como projeto



de extensão universitária, pois foi realizado com o apoio da Faculdade Guilherme Guimbala.

No percurso foram realizados sete encontros, entre os meses de abril a setembro de 2015, tendo cada um deles aproximadamente três horas de duração. A finalidade foi promover encontros com trabalhadoras de diferentes serviços da proteção social básica sobre suas experiências, desafios/condições e processos de trabalho na Assistência Social, tendo como principal recurso metodológico as oficinas estéticas, com ênfase na mediação audiovisual.

A estrutura dos encontros possuía o seguinte desdobramento: (1) atividades relativas ao audiovisual, especialmente, audiência de algum filme (curta-metragem), (2) grupos de discussão. Esta estratégia combinada compõe o que se compreende como oficinas estéticas. As oficinas estéticas são dispositivos no trabalho com grupos, mediadas por atividades criadoras. Podem ser definidas como ferramentas de intervenção psicossocial, promovem o exercício de coautoria, por meio de atividades com artes plásticas, fotografia, audiovisual, jogos, etc. que potencializam a criatividade. Neste percurso optamos pela ênfase audiovisual (REIS; ZANELLA, 2015).

Essas estratégias podem contribuir para que os trabalhadores do SUAS “possam olhar para a própria vida de um outro lugar, reconhecendo-se como sujeitos da própria história”, pois as atividades convidam o “sujeito ao distanciamento do vivido, podendo nele provocar uma visão diferente sobre si e sobre a própria existência” (REIS; ZANELLA, 2015, p. 30).

Nesta proposta de mediação audiovisual, utilizamos o texto imagético (preferencialmente o vídeo/filme) como um recurso proponente do diálogo, ou seja, ao escolher trabalhar com filmes em um processo de formação de trabalhadores no campo da desigualdade social, havia a premissa de que o saber deste percurso formativo era algo potencialmente presente entre os participantes.



Vale ressaltar que a presença das trabalhadoras ocorreu mediante o convite da Gestão do Trabalho da Secretaria de Assistência Social – SAS aos equipamentos que integram a gerência de proteção social básica da SAS, para que encaminhassem 03 (três) trabalhadores para estes encontros de formação, sendo possível então, a participação de até 18 (dezoito) trabalhadores no programa de formação.

Também, para garantir a participação efetiva das trabalhadoras e oferecer uma contrapartida ao programa de formação, a SAS dispensou as trabalhadoras de seus locais de trabalho nos dias agendados para os encontros, de modo que, as atividades da formação foram contadas como horas trabalhadas.

Os resultados serão apresentados na forma narrativa como cenas do percurso de formação. A partir disso, foram elencadas duas categorias: Cenas de um percurso de formação e Mediação audiovisual.

3 Cenas de um percurso de formação

O primeiro encontro aconteceu na “Casa dos Conselhos”, um espaço habitualmente utilizado pela SAS para reuniões e encontros com as trabalhadoras e teve como tema: “a constituição dos trabalhadores na Assistência Social”.

Inicialmente foi realizada uma conversa sobre o TCLE e a apresentação das trabalhadoras e também dos facilitadores. O encontro foi conduzido por perguntas projetadas por meio de um data-show e que tinham a intenção de disparar diálogos relativos à questão audiovisual na assistência social. Estas foram as duas primeiras questões: (1) O que conhecem sobre “cinema” e “audiovisual” em Joinville? (2) Já realizaram no SUAS intervenções a partir do cinema?

Considerando que o tema deste primeiro encontro era a constituição do trabalhador da Assistência Social, propusemos uma terceira questão: “que filme poderíamos fazer sobre o trabalho na Assistência Social?”. Nesta etapa, elas



COLBEDUCA

Colóquio Luso-Brasileiro de Educação



foram subdivididas em quatro pequenos grupos (com quatro integrantes cada um) e convidadas a elaborar um projeto de filme. Para tanto, disponibilizamos um considerável volume de figuras recortadas de diversas revistas e rolinhos de papel (30 cm de altura com aprox. 03 metros de comprimento), simulando os rolos de filmes cinematográficos.

O segundo encontro foi realizado em um auditório da Faculdade Guilherme Guimbala. A decisão de transferir os encontros da “Casa dos Conselhos” para a faculdade ocorreu porque precisávamos de um espaço mais adequado para audiência dos filmes (com possibilidade de reduzir luminosidade e menor interferência de ruídos externos – o espaço do primeiro encontro ficava na esquina de uma avenida).

A temática definida para este encontro foi “o audiovisual como dispositivo de trabalho socioassistencial” e teve como objetivo discutir as possibilidades de mediação do cinema (especialmente, curtas metragens) no espaço das políticas de proteção social básica. Para tanto, a estratégia foi apresentar as produções cinematográficas da cidade e a partir do interesse delas, assistir algumas obras de curta metragem. Para esta apresentação foram projetadas informações de cerca de trinta obras. Uma de cada vez, contendo: título, direção e produção, alguma imagem e/ou outra informação disponível.

Na medida em que apresentávamos os títulos das obras, elas foram manifestando interesse na audiência de alguns destes títulos. Também foram disponibilizadas cópias físicas de algumas obras. Estes exemplares foram solicitados para a Fundação Municipal de Cultura – FMC. Ao final da exposição dos títulos, solicitamos que escolhessem uma obra para assistir naquele momento. Elas decidiram assistir “história de Joinville – o projeto”.

Assistir ao filme foi uma vivência interessante na medida em que elas identificavam lugares da cidade e também se divertiam com as situações do próprio enredo do filme que exibia. No dia do encontro não achávamos viável



assistir este curta, mas respeitamos as solicitações. Depois percebemos que assistir a um filme que protagonizasse a história de Joinville era uma necessidade de apropriação da cidade. Ao final da exibição uma delas pergunta: “e cadê a história da cidade?”.

Depois da exibição fizemos uma leitura coletiva da obra. Ainda que timidamente, elas foram tecendo comentários sobre o filme, tentando fazer um acabamento comum diante da divergência de opiniões em algumas partes. Expressaram seus entendimentos e citaram cenas que consideraram curiosas. No percurso de formação, foi a primeira experimentação de audiência e discussão de uma obra. Solicitamos que elas, organizadas por equipes de trabalho, trouxessem para o próximo encontro imagens de desafios e problemáticas do trabalho na Assistência Social a partir das realidades de seus serviços.

O terceiro encontro foi mediado por uma professora convidada para conduzir a discussão sobre os desafios do trabalho na Assistência Social. Na medida em que as trabalhadoras chegavam, salvávamos em um único computador as produções imagéticas realizadas por elas em resposta a solicitação feita no encontro anterior.

O procedimento deste encontro foi a audiência de cada uma destas produções imagéticas seguidas por conversas extensivas sobre detalhes constituintes tanto dos desafios de seus contextos de trabalho como também da produção das imagens e o efeito desta forma de registro. Logo depois que exibidas as produções, elas contavam um pouco do processo de produção das imagens, relatando um pouco de suas ideias naquilo que desejavam transmitir.

A presença dos vídeos no encontro possibilitou conversas em que compartilharam cotidianos de suas atividades e dos serviços, também condições específicas de suas realidades de trabalho e por fim, desafios comuns entre os serviços. Na mediação deste encontro também foram feitos exercícios de leitura das imagens produzidas pelos serviços.



O quarto encontro teve como temática “imagens e patrimônios comunitários”. Este encontro foi pensado com o objetivo de refletir sobre histórias, grupos, práticas, sujeitos, imagens e outros recursos que participam da vida dos territórios onde estão instalados os CRAS e os usuários do SUAS. Convidamos para coordenar este encontro um professor mestre em patrimônio cultural e sociedade e com pesquisa sobre patrimônios comunitários.

Curiosamente, neste dia estavam presentes onze (11) trabalhadoras (seis assistentes sociais, três psicólogas, uma terapeuta ocupacional e uma pedagoga), nenhuma delas era natural de Joinville. E nos encontros seguintes, quando outras trabalhadoras ausentes neste dia voltaram a participar, verificamos que somente duas trabalhadoras vivem na cidade desde a infância.

A discussão permitiu pensar os atravessamentos das relações comunitárias que envolvem os serviços e a diversidade cultural presentes nos territórios da cidade e, no caso de Joinville, como estes “patrimônios comunitários” estão perpassados pelo processo migratório, sobretudo, a partir dos anos 70.

Considerando as questões apresentadas pelo professor convidado sobre as dimensões históricas e geopolíticas (população, migração, etc.) relativas à cidade de Joinville, as participantes foram convidadas a pensar sobre os aspectos específicos de seus territórios, expondo aquilo que, no olhar delas, se constitui como imagens e patrimônios comunitários nestes lugares.

Para o quinto encontro, havíamos planejado exibir uma série de filmes de curta metragem produzidos em Joinville. Imaginávamos que, fazendo isto, estaríamos ampliando o contato delas com o circuito audiovisual da cidade. Sendo assim, na abertura deste quinto encontro, relembramos os filmes indicados por elas no encontro anterior. Elas foram unânimes ao escolher “Do Cais ao Mercado” (2010).



Depois da audiência deste documentário, a discussão no grupo tomou uma proporção e um caminho muito interessante. A qualidade deste encontro pode ser considerada em virtude do tempo que a discussão durou, a ponto de não ter sido possível neste dia exibir nenhum outro curta-metragem (que era uma intenção inicial) e nem mesmo o grupo pausou para um intervalo formal. Foram tomando o café na própria roda de conversa.

Este documentário não havia sido assistido, até aquela ocasião, por nenhuma das participantes. No processo de análise, foi possível perceber que o interesse delas em assistir esta obra foi motivado pela curiosidade com relação à história da cidade, mais especificamente, um trecho do corpo (território) da cidade: Do Cais ao Mercado. É bom lembrar que este filme já tinha despertado a atenção de algumas trabalhadoras lá no segundo encontro, quando foi apresentado a elas aquilo que havia sido listado como produção cinematográfica local.

Este processo de expectativa seguido de uma roda de conversa pode ser caracterizado como grupo de discussão. De acordo com Weller (2006, p. 246), os grupos de discussão “constituem uma ferramenta importante para a reconstrução dos contextos sociais e dos modelos que orientam as ações dos sujeitos”. Ou seja, contribuem para o compartilhamento e a discussão no acontecimento do grupo/encontro, mobilizando falas que individualmente não seriam cogitadas.

Mediante aquilo que foi assistido, elas foram trazendo cenas de suas histórias pessoais, especialmente duas trabalhadoras com maior tempo de vida na cidade, inclusive a infância vivida em Joinville. Elas foram tecendo suas memórias com a discussão relativa ao filme e, também, atendendo a curiosidade das demais integrantes sobre o passado da cidade. No processo narrativo as demais participantes foram contando sobre suas vindas à Joinville e ali, foi-se percebendo como elas migraram para este lugar por conta do trabalho, na maioria dos casos, acompanhando algum membro familiar, pais e/ou companheiros.



Neste encontro, por conta daquilo que se foi “disparando” com a discussão/expectação, falaram de problemáticas da cidade que são sentidas nos seus espaços de trabalho, entre elas, o conflito étnico que perpassa o processo migratório em Joinville e que é apontado pelos historiadores como “germânicos versus migrantes” (COELHO, 2010).

Considerando o acontecimento deste quinto encontro, resolvemos incrementar a proposta inicial do programa de formação articulando uma parceria com o setor de cultura do Serviço Social do Comércio – SESC/Joinville – SC, realizando o sexto encontro na sala de cinema desta instituição.

Lembramo-nos da obra “Infância de Monique” (2013), uma ficção de longa metragem realizada pelos cineastas Fabrício e Fábio Porto que apresenta uma trama contundente à desigualdade social. A exibição do filme durou 74 minutos e, mesmo durante a audiência, já era possível de perceber que a obra havia produzido sentimentos e emoções.

O último encontro, novamente na Faculdade Guilherme Guimbala, havia sido planejado como um momento de avaliação do programa de formação. Assim, contando com as fotografias realizadas durante o percurso, bem como as imagens capturadas em vídeo no processo da pesquisa, planejamos a elaboração de um vídeo retrospectivo (05 minutos) para ser exibido neste último dia da formação.

4 Mediação audiovisual

A mediação audiovisual é aqui concebida como um processo educacional. A terminologia “tecnologia” não pode caracterizar somente equipamentos e outros aparatos mecânicos. As tecnologias educacionais, nesta perspectiva, são pensadas em uma perspectiva como as tecnologias leves, definidas como “as tecnologias das relações, como o acolhimento, o vínculo, a autonomização, a responsabilização” (OLIVEIRA, 2011, p. 91). São formas “de agir entre sujeitos



trabalhadores e usuários. Individuais e coletivos” (MERHY; FRANCO, 2003, p. 318).

A partir disso, sugere-se que as oficinas estéticas, recurso metodológico desta formação, com ênfase na mediação audiovisual proporcionam relações estéticas, que fogem da perspectiva funcional, ou seja, definida por uma finalidade. Emprestando a reflexão de Zanella (2006, p. 144):

Pessoas marcadas pelas condições sociais e históricas que as forjaram podem estabelecer relações de variadas formas com a realidade, com os outros e consigo mesmos, relações essas que podem ser prático-utilitaristas ou estéticas. Enquanto as primeiras caracterizam o plano da cotidianidade, estas últimas destacam-se na medida em que possibilitam ao sujeito descolar-se da realidade vivida e imergir em outra, mediada por novos sentidos que contribuem para o redimensionamento e re-significação do próprio viver/existir. ZANELLA (2006, p. 144).

Pensando pela perspectiva acima citada, as tecnologias educacionais não podem ser concebidas como processos utilitários, pois a perspectiva prático-utilitária se opõe a perspectiva estética que é proposta pela mediação audiovisual.

Neste sentido, compreendemos as relações estéticas como acontecimentos que mobilizam no sujeito a imaginação, a memória e os afetos, que desvendam olhares para si, para os outros e sobre o mundo, articulando sentidos que se refazem na experiência criadora, tanto da obra, quanto do sujeito criador. Pensamos ser a experiência aquilo de concreto, porém não estagnado, que no movimento de objetivação e subjetivação permanece entre o produto, o sujeito e o processo de fazer (GOMES, 2011).

É nesta direção que se compreende a atividade criadora, pois na perspectiva histórica e dialética da vida, a obra é produto tecido nas relações humanas, e, portanto, um fazer afetivo e reflexivo, permeado de significados e somente possível na relação com o outro. “Entendemos como reflexiva toda atividade humana que objetiva uma racionalidade, e como afetiva as objetivações que contemplam as emoções e os sentimentos.” (MAHEIRIE; URNAU, 2007, p. 199).



A mediação audiovisual como tecnologia educacional engendra o processo criativo e a possibilidade da produção de novos sentidos, na medida em que o “espectador” é um sujeito emancipado intelectualmente, que propõe imagens no trabalho de expectativa e, neste sentido, as imagens são possibilidades de encontros entre sujeitos e obras, especialmente encontros com cenas abertas. A imagem surge como ruptura, emerge com desconfiança e suspeitas de que outras possibilidades de percepção e sentidos são possíveis nas relações sociais (RANCIÈRE, 2012).

Portanto, a mediação audiovisual não se faz somente entre espectador e obra, mas também entre sujeitos (imagens, sentidos e experiências). A mediação acontece na negociação das lógicas, saberes, fazeres, modos de compreensão do trabalho socioassistencial e também com respeito a desigualdade. Importante pensar que existem questões não estabilizadas, pensamentos sem palavras e que, no percurso de formação, elas foram encontrando lugar para falar destas questões.

5 Considerações finais

A mediação audiovisual mostrou-se um recurso potente no processo de significação, pois, as leituras que as profissionais realizavam dos filmes foram diferenciando-se do contexto para o qual foram produzidos. Esta forma de trabalho foi pensada para compor o percurso de formação onde não havia o interesse na transmissão de conteúdos técnicos (capacitação), mas a hipótese de que a mediação de encontros entre as trabalhadoras poderia fazer emergir questões e discussões com efeitos significativos nos modos de pensar e sentir o trabalho na Assistência Social.

Durante o percurso de formação algumas temáticas ganharam relevo, tais como, a experiência de ser trabalhadora no SUAS; imagens e patrimônios da cidade; etc. Contudo, não foram os conteúdos os resultados mais evidentes, mas



antes, foi o processo de expectativa das obras que fomentou a potência da mediação audiovisual como dispositivo de trabalho socioassistencial.

O percurso provocou a abertura de uma relevante relação conceitual: “protagonistas” e “espectadores”, fazendo pensar que o “assistir” é também um aspecto constitutivo da assistência social. E assim, durante os encontros emergiu uma interessante problemática: a noção de sujeito “espectador” contrastou com outro conceito mais presente na política de assistência social: o protagonista (figura do usuário, mas também associado ao trabalhador). Apesar do embate conceitual, no processo de audiência dos filmes (mediação audiovisual) foi-se operando um deslocamento que permitiu pensar outras possibilidades de ser sujeito neste campo.

Partimos do pressuposto que intervir com trabalhadores exige estar atento aos saberes e as experiências de vida, que podem ser conhecidos (narrados, transmitidos) nestes espaços formativos, e isto acontece se as “distâncias” forem deslocadas, se a inteligência do trabalhador não estiver submetida à do facilitador (RANCIÈRE, 2015). Finalmente, os encontros possibilitaram vivências diversas com audiovisual e atividades abertas ao processo de significação e com ênfase na criação.

Referências

COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante**. Joinville: Editora Univille, 2010.

GOMES, Allan Henrique. **Olhos Vendados**: a experiência criadora na produção de um curta-metragem. Dissertação. 154 p. UFSC, Florianópolis, 2011.

MAHEIRIE, Kátia; URNAU, Lilian. Processos de criação em contextos de desigualdade social. In: ZANELLA, Andréa V.; COSTA, Fabíola C. B.; MAHEIRIE, Kátia; SANDER, Lucilene; DA ROS, Sílvia Z. (Orgs.). **Educação estética e constituição do sujeito**: reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.

MERHY, Emerson Elias; FRANCO, Túlio Batista. **Por uma Composição Técnica do Trabalho em saúde centrada no campo relacional e nas tecnologias leves**:



Apontando mudanças para os modelos tecno-assistenciais. *Saúde em debate*, v. 27, n. 65, p. 316-323, 2003.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME (MDS). **Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do SUAS**. Brasília, 2007.

OLIVEIRA, Isabel Fernandes; SOLON, Avrairan Fabrícia Alves Caetano; AMORIM, Keyla Mafalda de Oliveira; DANTAS, Candida Maria Bezerra. **A prática psicológica na proteção social básica do SUAS**. *Psicologia & Sociedade*. 23 ed., n. especial, p. 140-149, 2014.

OLIVEIRA, Marcus Vinícius. A ação clínica e os espaços institucionais das políticas públicas: desafios éticos e técnicos. In: CFP. **V Seminário Nacional Psicologia e Políticas Públicas** - Subjetividade, Cidadania e Políticas Públicas / Brasília: CFP, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Trad. Lílian do Valle. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

REIS, Aline Casanova; ZANELLA, Andrea Vieira. **Psicologia Social no campo das políticas públicas: oficinas estéticas e reinvenção de caminhos**. *Revista de Ciências Humanas*, v. 49, n.1, p. 17-34, 2015.

ZANELLA, Andrea Vieira. **Sobre olhos, olhares e seu processo de (re)produção**. In: Da Ros, Silvia Zanatta. Lenzi, Lucia Helena Correa; Souza, Ana Maria Alves; Gonçalves, Marise Matos (Orgs.). *Imagem: intervenção e pesquisa*. Florianópolis: UFSC: NUP/CED/UFSC. 2006.

WELLER, Wivian. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método**. *Educação e Pesquisa*, v. 32, n. 2, p. 241-260, 2006.